

NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS PESSOAIS EM TORNO DA INTERNET: A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO E DE SEXUALIDADE EM UMA "LAN HOUSE"

Thayse Figueira Guimarães¹

RESUMO: Este trabalho focaliza as narrativas de Douglas, um jovem de identificações homoeróticas, ao contar suas experiências de envolvimento amorosos em uma *Lan House*. O objetivo é compreender como performances de sexualidade e de gênero são negociadas e disponibilizadas em espaços que emergem na contemporaneidade, como é o caso das *Lan Houses*. Os dados foram gerados através de um estudo de etnográfico, em um contexto de interação em uma *Lan House*, na cidade do Rio de Janeiro. Como base teórica, adotou-se a visão de discurso como prática social (MOITA LOPES, 2002; 2003) e de identidades como construídas em performances (BUTLER, 1990). Utilizou-se, como ferramentas analíticas, o construto de posicionamento (DAVIES E HARRÉ, 1990; VAN LANGEHOVE & HARRÉ, 1999) e o de pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998). As análises mostraram que as contingências do momento atual alteram não somente o local físico dos lugares de interação social, como é o caso da *Lan House*, mas também possibilitam abertura a outras práticas sociais, diferentes das autorizadas em contextos mais tradicionais e instituidores da vida social, tais como a escola, a família e a igreja.

PALAVRAS-CHAVE: narrativas, *Lan House*, gênero e sexualidade.

ABSTRACT: This paper analyses Douglas's narratives, a homoerotic boy, in the communicative encounters at a Lan House. The aim of this paper is to understand how some sexuality and gender performances are re-negotiated and made available in places that emerge in contemporary landscapes such as the Lan Houses. The data were generated in a one-year ethnographic study in a Lan House. We take into account the theorizing of socio-constructivist of discourse (MOITA LOPES, 2002, 2003) and identities as by-products of social performances (BUTLER, 1990). My analytical tools are positioning theory (DAVIES E HARRÉ, 1990; VAN LANGEHOVE & HARRÉ, 1999) and the contextual clues (GUMPERZ, 2002). The analysis suggest that peculiarities resultant from the contemporary moment modifies not only the venues of interactions like the Lan Houses, but also the social practices other than the ones well acknowledged by traditional contexts such as the school, family and religion.

KEY WORDS: narratives, Lan House, gender and sexuality.

Introdução

Tendo em vista o momento contemporâneo de transformações, muito significativas na vida social, que nos constituem em novas narrativas e novas formas de sociabilidade entre os mais variados conjuntos de atores sociais (BAUMAN, 2000), proponho, neste trabalho, explorar o empreendimento criativo das vicissitudes desencadeadas por este momento. Para tal, escolhi

¹ Doutora em Linguística Aplicada (UFRJ). Docente do Curso de graduação em Letras e do Programa de Mestrado em Letras – Linguagem, Cultura e Discurso, da Universidade Vale do Rio Verde (UNINCOR). E-mail: thayse.guimaraes@unincor.edu.br

teorizar sobre as identidades de gênero e sexualidade construídas em uma *Lan House*², lugar onde a força da fluidez dos movimentos virtuais se insere na dinâmica da vida social, visto que ela surge a reboque do desenvolvimento tecnológico e da necessidade de acesso à informação.

Considerando a premissa discursiva da construção do saber, parto do pressuposto de que os significados não nos são dados no mundo, mas são construídos, reformados, modelados e negociados pelas pessoas (MOITA LOPES, 2003). Nesse sentido, narrar é um processo conjunto “instaurador de realidades sociais” (FABRÍCIO, 2006, p. 192). Ao nos engajarmos em histórias sobre nós mesmos, frequentemente, reforçamos e às vezes recriamos o tipo de pessoa que nós somos (WORTHAM, 2000). Narrar nossas experiências é um modo de nos recriarmos em contextos sociais. Assim, há uma indissociabilidade entre narrativas e performances identitárias (WORTHAM, 2000; MOITA LOPES, 2006), pois as narrativas são pacotes de conhecimentos que mostram como as pessoas são e agem em um contexto social e histórico. É nessa inseparabilidade que este trabalho se apoia para construir seu objeto de estudo.

Meu objetivo aqui é entender como novos espaços de sociabilidade, como é o caso de uma *Lan House*, contribuem para a construção de identidades subversivas de gênero e sexualidade. O foco de análise é a narrativa de experiência pessoal de um jovem de classe média baixa, em uma *Lan House* da cidade do Rio de Janeiro. A história é narrada por Douglas, que se posiciona como um jovem gay, contando experiências de envolvimento com mulheres naquele espaço interacional. Para colocar o objetivo deste trabalho em ação, na primeira deste texto, discuto a natureza socioconstrucionista do discurso e o caráter performativo da linguagem e das identidades sociais. Ainda, com bases nesses referenciais, caracterizo a *Lan House* pesquisada como uma comunidade de prática e como um local de negociação de práticas sociais na construção de significados locais. Em seguida, exponho dois recursos analíticos úteis na interpretação da narrativa focalizada: o conceito de posicionamento e de pistas de contextualização. Apresento, ainda, algumas considerações sobre a metodologia, os instrumentos para geração de dados e o contexto de pesquisa. Por fim, passo para análise da narrativa de Douglas e apresento algumas considerações finais.

² Este trabalho desenvolve parte da pesquisa de mestrado realizada por esta autora (Guimarães, 2014), entre os anos de 2007 e 2008.

Fundamentação teórica

A compreensão de discurso que perpassa este trabalho está relacionada à força constitutiva das práticas discursivas, no sentido de que os discursos diários que nos circundam não só reproduzem o mundo social, mas nos constroem como atores sociais de um evento situado (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; MOITA LOPES, 2003). Essa compreensão coloca como ponto central a natureza socioconstrucionista do discurso, sendo seu entendimento básico o fato de os objetos sociais serem produtos de nossas negociações nos esforços de fazer sentido no mundo (MOITA LOPES, 2003). Tal compreensão possibilita-nos entender também que a narrativa é uma prática discursiva, um processo instaurador de modos de vida, já que narrar é um modo de nos construirmos, construir o outro, o contexto social em que nos engajamos e de resgatar nossas histórias que perpassam nossas experiências de gênero e sexualidade.

Essa noção é orientada por uma visão de linguagem performativa, ou seja, enquanto ação social no mundo. Para a filosofia clássica, a linguagem é entendida como possuidora de uma relação direta com a realidade, um reflexo “fiel” de uma realidade anterior e exterior a ela. A imagem da essência da linguagem humana ainda determina muito o modo como compreendemos e como nos relacionamos com os objetos no mundo. Em geral, nosso conhecimento sobre as coisas é explicado (ou negado) por meio de um status ontológico atribuído a elas (CAVELL, 1979). Entretanto, aquilo que parece ser uma mera representação tem o poder de produzir o objeto sobre o qual fala (BUTLER, 1990). De acordo com essa perspectiva, não há uma linguagem no seu sentido representacional, mas incontáveis jogos de linguagem, dos quais aprendemos a participar em nossa cultura (WITTGEINSTEIN II [1953]1996). Nesse sentido, os estados supostamente “pré discursivos” se estabeleceram como fatos naturais pela repetição no modo como foram nomeados. Tal perspectiva lança luz para a questão da linguagem em uso, para o que fazemos com ela e como operamos com ela no mundo (WITTGEINSTEIN II [1953]1996).

Isso significa que ao utilizar uma língua, não estamos aprendendo nome de coisas, sua pronúncia ou gramática, mas o que é um nome e como agir (WITTGEINSTEIN II [1953]1996). É nesse sentido que linguagem, nas ponderações de Butler (1997, p. 8), só pode ser pensada em conjunto com a agência, isto é, fazemos coisas com a linguagem, mas a linguagem é também as coisas que fazemos. A linguagem é performativa porque produz as próprias condições que

descrevem (PENNYCOOK, 2007). O uso da linguagem está sempre associado a uma forma de ação no mundo com o outro, que pela repetitividade ganha status de essência e aparência de estabilidade. Nesse sentido, o processo de significação está desvinculado do modelo referencial. A exatidão conceitual é um atributo do uso, do aqui-agora.

Butler estende o caráter performativo da linguagem para descrever o sujeito social como resultado de repetições que imprimem sua aparência de estabilidade, e essas repetições são, ao mesmo tempo, o modo de operar práticas de sujeição e dominação, e a possibilidade que temos de resistência e mudança. Nessa linha de argumentação, o gênero é o performativo, pois sua enunciação “constitui a identidade que pretende ser” (BUTLER, 1990). Com base nessa compreensão, a teorização de Butler (1990) desmantela as conexões que vinculam as categorias sexo, gênero e desejo a uma suposta essência interior ou a um substrato biológico. É na citação repetida das normas construídas em sociedade, em sua iterabilidade, que o gênero (e as identificações em geral) adquire uma aparência de substância sólida e imutável (PENNYCOOK, 2007). Entretanto, se a performance só existe ao ser encenada, não se remetendo a uma natureza essencial, sempre há a possibilidade de fazer diferente, ainda que haja constrangimentos à inauguração de novos sentidos (MOITA LOPES, 2008).

Essa visão coloca os processos sociointeracionais como responsáveis pela construção de significados atribuídos ao mundo e abre possibilidades de entendermos nossas identidades como coisa mutável e variada, criada na dinâmica discursiva e sustentada por ela, numa lógica que engendra corporalidade e linguagem (MOITA LOPES, 2002). A noção de identidade, nesse caso, está estreitamente conectada ao modo como, semioticamente, agimos com os nossos corpos nas práticas em que nos envolvemos.

A meu ver, as *Lan Houses*, como um lugar de sociabilidades, possível pelo avanço da tecnologia de informação e comunicação, são locais pertinente para observação etnográfica das performances identitárias. Isso porque esses espaços constroem lugares provedores de entretenimento e de sociabilidade, que se instalam em diferentes lugares do Brasil, exercendo influência na dinâmica da vida social daquele local. São espaços de sociabilidade emblemáticos de uma nova dinâmica da vida urbana. Eles traduzem modos contemporâneos de práticas sociais e, assim, tornam-se lugares de construção de vida social. Olhar a dinâmica desses locais e o modo como nos construímos em performances identitárias ali se torna, então, uma questão ao mesmo

tempo importante e desafiadora. Importante, porque estamos falando de criar inteligibilidade sobre práticas sociais; desafiadora, porque pensar o modo como nos construímos nesses ambientes permite compreender a vida e as performances fora dos espaços normalmente estudados no campo das ciências sociais e humanas: tais como a escola, a família, a igreja etc. No caso deste trabalho, essas práticas são tomadas também como mediadoras dos sentidos sobre gênero e sexualidade.

A participação nessas práticas sociais são significativas na contestação e negociação de significados no mundo (MOITA LOPES, 2010). Isso, a meu ver, é fundamental para compreender como as pessoas, ao se envolverem em espaços de sociabilidades contemporâneos, mudam o seu lugar social no mundo, seu modo de viver em sociedade, suas inserções na cultura e sua relação com os outros.

Daí surge a importância do construto teórico intitulado comunidades de práticas. Parto de uma visão que remete o conhecimento ao âmbito social (WENGER, 1998), tendo em vista que aprender é uma prática coletiva que constitui nossos empreendimentos e nossas relações sociais. As atividades de aprendizagem estão relacionadas ao tipo de comunidade da qual fazemos parte e na qual sustentamos projetos partilhados. Isso significa que aprendemos a tomar parte no mundo social por meio de práticas criadas e sustentadas em comunidades pelas quais circulamos. Faz sentido, então, chamar o conceito de comunidades de práticas para este trabalho, já que a criação de novos espaços cívicos está relacionada ao modo como construímos significados no mundo social. Esses novos espaços cívicos, como as *Lan Houses*, podem e devem ser entendidos como lugares de interação social, resultante do advento das novas tecnologias da informação.

Dessa forma, ao falar em práticas sociais não podemos nos afastar do conceito de comunidade. As comunidades são lugares sociais em que nossos empreendimentos e ações são construídos como possuindo valor e competência. Aprendemos, como membros de uma comunidade sociocultural, a criar um valor de pertencimento e a nos envolvermos em negociações dos significados como pessoa-no-mundo (WENGER, 1998).

Os posicionamentos interacionais e as pistas de contextualização

Examinar o discurso de uma perspectiva socioconstrucionista significa também observar o modo como as pessoas se posicionam em práticas sociais (MOITA LOPES, 2003). Levando em consideração que somos atravessados por diferentes processos identitários, tais como os de classe social, gênero, sexualidade, raça, etnia etc., um caminho útil para se ter acesso ao modo como aprendemos a criar sentido em uma prática discursiva e entender os efeitos de seus agenciamentos (FOUCAULT, [1979]1995) seria a análise dos *posicionamentos interacionais* no nível local (DAVIES & HARRÉ, 1990; VAN LANGENHOVE & HARRÉ, 1999).

O posicionamento é um fenômeno conversacional que evoca os aspectos dinâmicos do processo interacional. Uma conversa revela, através de ações conjuntas entre todos os participantes, como eles se constroem (ou tentam fazer isso) e constroem o outro em ações socialmente determinadas, isto é, nos contextos interpessoais. Posicionamento é um processo interativo, em que o que uma pessoa diz posiciona a outra (DAVIES & HARRÉ, 1990), ou seja, uma pessoa é posicionada pelo outro interlocutor.

Quando se posicionam, os participantes de uma interação fazem uso de uma série de convenções de natureza sociolinguística, para tentar compreender as informações que reverberam no momento discursivo. Construir significado, deste modo, envolve saber criar sentido e inteligibilidade sobre uma gama de sinalizações disponibilizadas pelos interlocutores. A esses sinais Gumperz ([1982]1998) chama de “pistas de contextualização”, que são, em termos mais amplos, todos os traços linguísticos e paralinguísticos que contribuem na sinalização do contexto interacional e, através das quais, os interlocutores podem compreender que atividade está ocorrendo (GUMPERZ, [1982]1998). *Pistas de contextualização*, segundo Gumperz (1998, p.149-152), são:

[...] quaisquer traços da forma linguística e/ou não-linguística (i.e, os gestos, postura etc.) que contribuem para assinalar as pressuposições contextuais - o código, o dialeto e processos de mudança de estilo, fenômenos prosódicos, escolha entre opções sintáticas e lexicais, expressões formulaicas, estratégias de fechamento e sequenciação - podem todas ter funções de contextualização.

Em especial, analisarei o posicionamento interacional de Douglas, um dos participantes envolvidos nessa pesquisa, seguindo as pistas indexicais, propostas por Wortham (2001, p. 70-74), que são: referência, predicação, marcadores ou verbos metapragmáticos, citação, índices avaliativos e modalizadores epistêmicos. A referência diz respeito à nomeação das coisas do mundo e das pessoas. A predicação é como o sujeito social caracteriza o objeto e/ou outro sujeito escolhido. A descrição metapragmática inclui os verbos de dizer, que o narrador utiliza para descrever os eventos, o modo como algo foi dito e avaliado por ele. Ao escolher verbos e nomes metapragmáticos, os narradores frequentemente referem-se a quem disse o que nos eventos narrados. Dessa forma, citar os personagens é um ato de “ventriloquar” outras vozes e ao mesmo tempo posicionar-se em relação a elas. Narradores também usam indexicais avaliativos, essas pistas pressupõem algo sobre as posições sociais dos personagens e a posição do narrador com relação a elas. Faz isso, através de itens lexicais, construções gramaticais, sotaques e outros pares linguísticos que se referem a um determinado grupo e funcionam como índices para esses grupos, quando usado pelo narrador. Por fim, com relação à modalização epistêmica, que tem a ver com o tipo de acesso que o narrador tem no evento narrado e com a posição que toma nas histórias. Por exemplo, ele pode se posicionar como um espectador privilegiado ou como um participante mais contingente.

Essas pistas têm sido utilizadas por Wortham (2000) em análises de contextos etnográficos particulares. De maneira próxima, elas também serão utilizadas aqui para analisar os posicionamentos de Douglas em um evento narrativo. Considero que este é um caminho útil para entendermos como as identificações de gênero e de sexualidade são construídas nos processos interativos.

Metodologia, contexto e instrumentos de geração de dados.

Abalizada pela proposta de Erickson (1986), utilizo o termo pesquisa interpretativa de caráter etnográfico para me referir a natureza da pesquisa realizada, cuja abordagem analítica privilegia a observação participante, com interesse nos significados atinentes à vida social. Deve-se considerar aspecto etnográfico desta pesquisa, uma vez que “constitui-se de um processo deliberado de investigação guiado por um ponto de vista” (ERICKSON, 1984 p. 51). Enquanto

pesquisadora participante, entrei em campo com algumas visões de mundo, frutos de minhas experiências pessoais e conhecimentos construídos com base nas leituras e estudos que realizo no campo dos letramentos e das performances de gênero/sexualidade, como linguista aplicada. É deste lugar que observei e participei dos eventos interacionais em uma *Lan House*, na cidade do Rio de Janeiro. Mais especificamente, essa *Lan House* localiza-se no subúrbio do Rio, onde os frequentadores, em grande parte, são de classe média baixa. Os dados foram gerados através da observação das interações na *Lan House*; gravações em áudio; anotações em campo e relatos e entrevista individuais e com o foco no grupo.

Análise

A sequência analisada, nessa seção, é parte de uma entrevista realizada com Douglas, um dos participantes da referida pesquisa que se posiciona como um jovem negro e bissexual, com um “lado gay mais aguçado”. Na época da pesquisa, Douglas tinha 20 anos e frequentava assiduamente aquela *Lan House*. Tinha concluído o ensino médio em escola particular e fazia um curso pré-vestibular à noite para ingresso em uma Universidade Pública.

No momento da entrevista, encontrava-me ao lado de Douglas que interagiu, via *MSN*, com seus amigos. A sequência abaixo corresponde a um momento em que conversávamos sobre as experiências de Douglas na *Lan House*. O eixo central da sequência analisada refere-se às histórias de envolvimento amoroso de Douglas dentro e fora da *Lan House*. Nessa seção irei examinar como Douglas, ao relatar suas histórias de envolvimento sexuais com mulheres naquele contexto, reposiciona percepções hegemônicas das sexualidades ditas gays³.

Vale dizer ainda que, nesse estudo, adotei uma visão interpretativista de pesquisa (MOITA LOPES, 1994), visto que este tipo de investigação reconhece o conhecimento como produto da interpretação interpessoal da linguagem, ou seja, considera o conhecimento como fabricado, produto da força discursiva nas interações sociais. Desse modo, é importante ressaltar que também sou participante ativa na construção do contexto narrativo analisado.

³ Os termos “gay e lésbica” são categorias identitárias associadas, no senso comum, ao grupo dos que se envolvem em práticas homossexuais. São construções identitárias associadas a uma série de ações e posicionamentos performados em uma cultura e serão utilizados aqui como categorias de conhecimentos, não como identidades fixas ou *status social*.

Por fim, para facilitar a análise dos dados, adaptei algumas convenções de transcrição propostas por Schnack *et al.* (2005)⁴.

58	Douglas	Inclusive eu tive uma namorada, que ela sabia de mim.
59		Numa boa. Aceitava numa boa!
60		Ela sabia que eu já tinha ficado com um amigo dela.
61		Eu já tive uma namorada que me aceitava numa boa. Na época
62		eu era mais <u>bi</u> do que sou hoje em dia, né!?
63		Aí, ela aceitava numa boa.
64		A gente ficava, mas eu falava pra ela... "CARACA:: AQUELE
65		HOMEM É MUITO GOSTOSO!"
66		Ela ficava rindo:: <u>ELA ATÉ CONCORDAVA!</u> (risos)
67		Era uma relação bem legal.
68	P	Mas... você conheceu ela onde? Aqui.
69	Douglas	Hum:: mas ela frequentou muito pouco aqui! Peguei amizade
70		mesmo no colégio. Por isso, que era legal a relação... não
71		frequentava muito aqui, não conhecia os meninos que eu
72		conhecia. Porque esse negócio de todo mundo se conhecer tem
73		um lado bom e tem um lado ruim.
74		Aqui a gente fica muito exposto. Uma coisa que você faça
75		todo mundo vai saber!
76		É:: parece que querem sempre saber de nossa vida íntima!
77		Principalmente, quando se é gay!

Essa sequência é parte do relato de Douglas, em que contava sua experiência de envolvimento amoroso com uma mulher. O tópico, sobre o qual trata no interior dessa narrativa, está ligado ao fato de ser uma mulher que conhecia as performances homoeróticas (“inclusive eu tive

⁴ Ver LISTA DE CONVENÇÕES E ABREVIATURAS no final deste manuscrito.

uma namorada, que ela sabia de mim”, linha 58) e não se importar com isso (“Numa boa. Aceitava numa boa!”, linha 59).

Inicialmente, Douglas lança uma série de afirmações que constroem um contexto de aceitação, com relação às suas ações pela namorada (“Numa boa. Aceitava numa boa!/ Ela sabia que eu já tinha ficado com um amigo dela./ Eu já tive uma namorada que me aceitava numa boa./ Aí, ela aceitava numa boa”, linhas 59 a 63). A repetitividade da ideia de que “sua namorada aceitava numa boa” é parte de uma série de estratégias discursivas, que ajudam a imprimir um tom positivo àquela experiência que, poderia ter sido bem sucedida. Esse posicionamento é intensificado quando, através de um exemplo (“A gente ficava, mas eu falava pra ela... ‘CARACA:: AQUELE HOMEM É MUITO GOSTOSO!’ / Ela ficava rindo:: ela até concordava!” linhas 64 e 65), Douglas faz referência ao modo como agiam quando estavam juntos.

Essas linhas sublinham um conjunto de pistas contextuais (GUMPERZ, 1998), disponibilizadas durante a narrativa e que dão maior credibilidade ao que estava sendo narrado. Observe a repetitividade das afirmações “aceitar numa boa” (linhas 59 a 63), tal como a utilização do verbo “falar” (para se posicionar como sujeito na ação – “mas eu falava”) e “concordar” (para se referir a uma ação da garota – “ela até concordava”) e a alteração do tom de sua voz “ELA ATÉ CONCORDAVA” (linhas 64 a 67). Estas pistas funcionam como modalizadores epistêmicos que apontam o envolvimento e a participação de Douglas nas ações daquele evento narrado e o bom envolvimento com a referida namorada.

Com base nessa análise inicial, pode-se inferir que Douglas pretendia que eu avaliasse o relacionamento entre ele e sua namorada como não conflituoso (“Era uma relação bem legal.” Linha 67). Esse posicionamento era concomitante a ações que sublinhavam uma performance bissexual (“Na época eu era mais bi do que sou hoje em dia, né!?” – linhas 61 e 62). Enquanto narra, Douglas põe em paralelo o tempo da narrativa e o momento presente (MISHLER, 2002) para tratar a intensidade de seu engajamento em performances bissexuais. Ao predicar-se “bi” Douglas localiza-se no lugar social daqueles que têm desejos tanto por pessoas do mesmo sexo quanto pelo sexo oposto, contudo a intensidade com que faz performances bissexuais é balizada através do índice “mais bi”, em referência ao momento passado da narrativa. Note um trecho de minhas anotações de campo:

Na entrevista, Douglas conta várias histórias de envolvimento amoroso dentro e fora da Lan. Quando eu o questionei sobre o que achava daquelas experiências afirmou que ele era bissexual, com um lado gay mais aguçado. Mas que dizer aquilo era lugar-comum, pois, segundo ele, todo bi tem um lado gay mais intenso. (notas de campo – 21/11/2007)

Seguindo a interação, meu questionamento sobre o lugar onde conhecera aquela namorada (“Mas... você conheceu ela onde? Aqui?”, linha 68) conduz a tomada de outros posicionamentos. Ao afirmar que sua namorada frequentava pouco a *Lan House* (“Hum:: mas ela frequentou muito pouco aqui! Peguei amizade mesmo no colégio.” Linhas 69 e 70), e, em seguida, que era por isso que o relacionamento dava certo (“Por isso, que era legal a relação... não frequentava muito aqui, não conhecia os meninos que eu conhecia.” Linhas 70 e 71), constrói uma ligação tênue entre ele e a referida namorada, quando estavam na *Lan House*. Nessa sequência, o pouco convívio dessa namorada na *Lan House*, contribuiu para que a experiência naquele relacionamento fosse positiva. Como confirmação disso, Douglas segue justificando: “a gente fica muito exposto./ Uma coisa que você faça todo mundo vai saber!/ É:: parece que querem sempre saber de nossa vida íntima! Principalmente, quando se é gay!” (linhas 74-77).

Nesses fragmentos, Douglas ressalta também um possível conflito de convivência naquela comunidade de prática (WENGER, 1998). Ali ele associa o bom relacionamento com a namorada ao distanciamento dela da *Lan House*, justificando-se pela grande exposição sofrida (“a gente fica muito exposto”, linha 75) e pelo interesse dos outros participantes em saber sobre a vida íntima um dos outros (“Uma coisa que você faça todo mundo vai saber!"/ É:: parece que querem sempre saber de nossa vida íntima!”, linhas 74 a 77). O predicativo “exposto”, utilizado em relação ao verbo “ficar”, funciona como índice de que ele avalia negativamente sua participação naquela comunidade de prática, dado que a curiosidade do restante do grupo com relação a sua vida íntima é acentuada, pela identidade gay evocada (“Principalmente, quando se é gay!”, linha 78). Note-se ainda que as referências lexicais para sua avaliação são partes de um universo de significados sobre práticas sexuais: “vida íntima” e “gay”.

Os significados construídos nessa sequência nos possibilitam localizar Douglas em performances identitárias naquela *Lan House*. No conjunto de posicionamentos desse fragmento narrativo, Douglas, ao mesmo tempo em que se localiza em *performances* bissexuais, desestabiliza práticas homoeróticas e heteronormativas hegemônicas. Aqui, além de circular entre

desejos por diferentes pares, ao destacar positivamente o modo como se relacionava com a namorada, atribui a ela a possibilidade de conviver bem com as identificações que eram evocadas por ele.

Palavras finais

A sequência analisada é parte de uma entrevista com Douglas e envolvem uma rede de significados que nos ajudam a entender como os atores sociais daquele lugar, ao mesmo tempo em que se envolvem em ações de fazer parte daquela comunidade de prática (WENGER, 1998), estão performando identificações de gêneros e sexualidades. É importante ressaltar que as histórias de experiência pessoal de Douglas nos permitem significar aquela *Lan House* como lugar de construção identitária, já que, segundo Bastos (2005), quando relatamos estórias não apenas estamos expressando e refletindo crenças e valores, mas também formando, recriando padrões sociais. Ao contarmos uma história, podemos estar tanto transformando nossas lembranças, quanto solidificando determinadas interpretações e forma de vida. Dessa forma, as experiências de Douglas contam que nossas identidades são feitas em processos públicos e multifacetados, e que o discurso é o lugar onde os sentidos sobre nós mesmos e nossas subjetividades são moldados, sustentados e refeitos; é o lugar onde formas ‘reais’ e possíveis de organização social são definidas e contestadas (PENNYCOOK, 2006).

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- BUTLER, J. *Excitable Speech: A Politics of the Performative*. Nova York e Londres: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*, Routledge, London, 1990.
- CAVELL, S. Excursus on Wittgenstein’s vision of language. *The claim of reason*. Oxford: OUP, 1979, p. 168-190.
- CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. The critical analysis of discourse. *Discourse in Late Modernity*, Edinburgh: Edinburg University Press, 1999.
- DAVIES, B.; HARRÉ R. *Positioning: The Discursive Production of selves*. *Journal for the Theory of Social Behaviour* 20 (1), 1990, p. 43-63.
- ERICKSON, F. *What makes school ethnography Ethnographic?* *Anthropology and Education Quarterly*. Vol. 15, 1984. p. 55-66

- ERICKSON, F. Qualitative research on teaching. In M. Wittrock, *Handbook of research on teaching*. New York: MacMillan, 1986.
- FABRÍCIO, B.F. Narrativização da experiência: o triunfo da ordem sobre o acaso. In Magalhães, I.; Griogoleto, M.; Coracini M. J. (Org.) *Práticas Identitárias: Língua e Discurso*. São Carlos: Claraluz, p. 191-209, 2006.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, [1979]1995.
- GUMPERZ, J. “Convenções de contextualização”. In: RIBEIRO, B.T. e GARCEZ, P.M. (Orgs.) *SocioLinguística Interacional: Antropologia, Linguística e Sociologia em Análise do Discurso*. Porto Alegre: AGE, 1998, p. 98-119.
- MOITA LOPES, L.P. Pesquisa Interpretativista em Linguística Aplicada: a Linguagem como condição e Solução, *DELTA*, 10 (2), 1994, pp.329-338.
- MOITA LOPES L.P. Gêneros e sexualidades nas práticas discursivas contemporâneas: desafios em tempos queer In: SILVA, A. de P. D. da. (org.) *Identidades de Gênero e práticas discursivas*. Campina Grande: EDUEP. 2008 pp. 13-19.
- MOITA LOPES L.P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trab. linguist. apl.* vol.49 no.2 Campinas July/Dec. 2010.
- MOITA LOPES, L.P. “Socioconstrucionismo: Discurso e Identidades Sociais” In: MOITA LOPES, L.P. (Org) (2003) *Discursos de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- MOITA LOPES, L.P. *Identidades Fragmentadas: A construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002
- MOITA LOPES, L.P. On being white, heterosexual and male at school: Multiple positionings in oral narratives. In: D. SCGUFFRUB; A. DE FINNA e M.BAMBERG, *Identity an discourse*. Oxford, Oxford University Press, 2006.
- PENNYCOOK, A ‘Continuidade e mudança nas visões de sociedade na Linguística Aplicada’. In: MOITA LOPES, L.P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- PENNYCOOK, A. Performance and performativity. In PENNYCOOK, A. *Global Englishes and Transcultural Flows*. London: Routledge, 2007.
- SCHNACK, C. M., PISONI, T. D., OSTERMAN, A. C. (2005) “Transcrição da fala: do evento real à representação da escrita”. In: *Revista Entrelinhas*, Ano II, no. 2, maio/agosto
- VAN LANGENHOVE, L. & HARRÉ, R. Introducing Positioning Theory. In: Harré, R. & Van Langenhove, L. (Eds.). *Positioning Theory*. Oxford: Blackwell, 1999.
- WENGER, E. *Communities of Practice – learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. *Investigações Filosóficas*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- WORTHAM, Stanton. *Interacional Positioning and narrative self-construcitons*. *Narrative Inquiry*, 10 (1), p. 157-184, 2000.
- WORTHAM, Stanton. *Narratives in Action. A Strategy for Research and Analysis*. Nova Iorque: Teachers College Press, 2001.

ANEXO

LISTA DE CONVENÇÕES E ABREVIATURAS

Lista adaptada de SCHNACK *et al* (2005)

-pausa breve
-pausa longa
- ::alongamento da vogal
- [.....sobreposição de vozes
- (())comentários do pesquisador
- sublinhado indica fala mais rápida
- CAIXA ALTAindica ênfase no volume ou altura
- PPesquisador

Artigo recebido em novembro de 2015.
Artigo aceito em dezembro de 2015.